
Diálogo Filosófico sobre Qualidade de Vida

A Philosophical Dialogue on Quality of Life

Patricia Tempiski¹

Palavras-chave: Qualidade de Vida
Keywords: Quality of Life

O conceito de qualidade de vida é um construto moderno e uma preocupação antiga, pois a ideia de viver com qualidade já estava presente na Antiguidade.

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define qualidade de vida como: “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”¹. A OMS afirma também que qualidade de vida não tem um conceito universal, porque se baseia primariamente na percepção individual e subjetiva da posição do indivíduo na vida. Qualidade de vida compreende quatro domínios principais: físico, psicológico, ambiental e de relação social.

A mensuração da qualidade de vida é difícil, pois está centrada na subjetividade e na inter-relação de fatores pessoais, sociais, ambientais e políticos. Apenas uma medida ou um olhar estanque não permitem perceber a realidade em sua totalidade, o que exige um olhar diferente, algumas vezes mais alto e em outras um olhar de imersão, como no jogo de lentes do microscópio, onde os sucessivos distanciamentos e aproximações permitem conhecer bem o objeto de estudo. Portanto, qualidade de vida deve ser avaliada por meio de uma ótica holística e transdisciplinar e também por meio da ótica subjetiva e individual.

Pensar em qualidade de vida tem como causa e consequência avaliar a própria vida e os valores atribuídos ao viver por meio da experiência pessoal ou coletiva, a

partir do contexto social e histórico. Tal preocupação esteve presente desde a Antiguidade, pois, ainda que não se falasse no termo qualidade de vida, que é um construto moderno, os filósofos sempre estiveram interessados em refletir sobre o que significa ter uma vida satisfatória e feliz.

Após estudar a qualidade de vida do estudante no curso de Medicina e buscar compreender a complexidade com que se tecem seus múltiplos fatores de influência, foi necessário reler os filósofos para concluir que, mais que tentar sobreviver ao curso de Medicina, deve-se refletir sobre o viver em qualquer fase da vida, antes, durante e depois da graduação.

Esta revisão sobre os pensamentos de vários filósofos serviu de embasamento teórico para a elaboração da tese de doutorado “Avaliação da qualidade de vida do estudante e da influência exercida pela formação acadêmica”. Este texto é uma versão modificada do trabalho de conclusão da disciplina “Aspectos filosóficos do conhecimento em saúde” do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo.

A IDEIA

O conceito de qualidade de vida é um construto moderno e uma preocupação antiga, que exige, além de diferentes olhares, uma visão filosófica.

¹ Faculdade Evangélica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Visitando o mundo das ideias e admitindo uma situação ideal e platônica, uma reflexão acerca de qualidade de vida exigiria um diálogo entre os grandes pensadores, reunidos num mesmo espaço físico e temporal, onde cada um traria sua contribuição segundo seu tempo, sua cultura e suas ideias. A pesquisadora, nesse caso, se colocaria diante da honrosa posição de mediar essa conversa e preparar o encontro.

O CONVITE

O convite seria destinado a todos os filósofos e pensadores que refletiram sobre as regras do bem viver e conviver. No entanto, o encontro não deve, de modo algum, ser um conclave, a portas fechadas, pois a filosofia deve ser utilizada para melhorar a vida das pessoas, aprimorando a *polis*, como diria Sócrates. Desta forma, o encontro deveria ter livre acesso aos interessados pelo tema.

O LOCAL

Seguindo a tradição, o encontro deveria acontecer na Academia de Platão, fundada em 387 a.C., nos arredores de Atenas. A Academia foi idealizada por Platão com o objetivo de formar líderes. Lá se ensinavam ciências, ginástica, música, filosofia e astronomia. Na entrada havia a inscrição: “Não entre quem não saiba geometria”.

Nesse encontro, a entrada seria permitida até aos que não têm grande intimidade com geometria, pois o próprio Pitágoras estaria presente e poderia ministrar aulas de reforço.

A segunda opção de local seria a Áustria, prestigiando o Círculo de Viena. Em qualquer um dos locais, as falas teriam tradução simultânea para que a linguagem do encontro fosse acessível a todos os presentes, reafirmando ideais de humanidade e ecumenismo.

OS ASSENTOS

Os assentos são livres, mas, se Wittgenstein quisesse, poderia trazer sua cadeira de praia listrada e reclinável, que usava para lecionar. Assim como Sartre e Beauvoir poderiam se assentar à mesa com cadeiras semelhantes às dos cafés de Paris que frequentavam. Epicuro e seus seguidores, se quisessem buscar maior conforto,

teriam à sua disposição divãs como os que usavam em sua escola. Para Descartes, haveria um assento junto ao aquecedor central, pois era este seu lugar preferido de reflexões. O único lugar marcado é o de Sócrates, que, como patrono da Filosofia, deverá sentar-se ao centro do grupo.

O DIÁLOGO

A pesquisadora recepcionaria os presentes e os saudaria. Explicaria ao grupo que não haveria uma ordem nas participações, nem limite de tempo, cada um poderia se inscrever quantas vezes quisesse. A única condição imposta é que Sócrates seria o primeiro a falar. Desta forma idealizada se iniciaria o evento.

Sócrates se levantaria vestido de modo muito simples e com pés descalços, como costumava viver. Sempre foi tido como o homem mais sábio de Atenas, mas, como nunca cobrou por seus ensinamentos, vivia humildemente.

SÓCRATES (469-399 a.C.) – Eu acredito que a felicidade está em levar uma boa vida. Portanto, para falar de qualidade de vida, deveríamos delimitar bem o que é bom e ruim na vida. Tudo o que sei é que nada sei. Hoje o que farei é questionar a todos. Fazê-los pensar sobre o tema. O pensamento precisa de um interlocutor com quem possa sempre discutir. O verdadeiro conhecimento nasce do diálogo, arrancado do interior de cada discussão. Portanto, declaro aberta a discussão.

PLATÃO (428-354 a.C.) – É com imenso prazer que recebo a todos na minha Academia, em especial meu mestre Sócrates, que me encheu com seus ensinamentos, possibilitando o registro de suas ideias. Creio que deve existir uma qualidade de vida ideal, típica do mundo das ideias, onde o indivíduo tenha um perfeito estado de bem-estar físico, mental e social. Percebo que essa ideia de ideal foi usada muitos séculos depois na moderna definição de saúde da OMS.

NORDENFELT (prof. de Filosofia da Universidade de Linnköping, Suécia) – Com todo respeito, Sr. Platão, mas esse ideal é muito difícil de ser alcançado no mundo sensível. Nada vejo de errado em traçar metas utópicas. É bastante valioso ter uma meta, em que pese não haver esperança de um dia atingi-la. A definição proposta pela

OMS é, na verdade, a definição de felicidade total ou altíssima qualidade de vida. Para tanto, devemos ter uma boa saúde e viver em situação favorável. Além de sermos incomumente afortunados para isso, deveríamos viver na sociedade ideal descrita por Thomas Morus em “Utopias”. No meu entender, deveríamos ouvir Aristóteles, que, ao negar o mundo invisível das formas platônicas e dedicar-se ao mundo natural, inspirou muitas gerações de filósofos com suas ideias de felicidade e bem viver.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.) – Eu acredito que a causa final do homem, seu objetivo supremo é a felicidade. Atingir a felicidade e uma boa vida depende de uma conduta moral moderada, sem excesso, na justa medida dos “pitagóricos”. Habituar-se a uma boa conduta é ter bons costumes e uma vida intelectual sossegada. Aproveito a minha fala para dizer a vocês que mesmo os grandes filósofos cometem enganos, e o meu foi colocar a mulher como um ser inferior ao homem. Portanto, me dirijo a Simone de Beauvoir, que aqui representa o pensamento filosófico feminino, a fim de que aceite minhas desculpas.

SIMONE DE BEAUVOIR (1908-1986) – Caro Aristóteles, aceito suas desculpas em nome de todas as mulheres. Entendo que esses pensamentos eram baseados numa cultura própria da sua época e eles em nada diminuem sua contribuição para a filosofia e a ciência. Escrevi sobre o papel das mulheres na construção da sociedade no meu livro “O Segundo Sexo”, lhe darei um exemplar dele.

ZENÃO (336-264 a.C.) – Em 300 a.C. fundei minha escola em Atenas e, por ensinar em um pórtico (*stoa*, em grego), meus alunos e seguidores receberam o apelido de estoicos, e as minhas ideias, de estoicismo. Mesmo tendo fortes raízes socráticas, concordo com Aristóteles. Creio que uma vida boa é uma vida virtuosa. Deve-se aceitar o destino e não lutar contra as adversidades da vida. Querer demais o que não se pode ter traz infelicidade. Viver de acordo com a razão significa desviar-se das paixões, que são perturbadoras à razão. Acredito que o mundo seja regido por uma Providência Racional, e cada um deve se reconhecer como parte dela, aceitando sua condição como aceitaram suas posições tanto imperadores como escravos, como, por exemplo, o imperador Marco Aurélio, o senador Sêneca e o escravo Epicteto, todos estoicos como eu.

WILLIAM GLASSER (psicólogo, séc. 20) – Gostei muito disso, Zenão. Gostei tanto que desenvolvi minha teoria com base nesta sua afirmação. Reafirmo esta questão no meu livro “Teoria da Escolha”. Entendo que não se pode querer demais o que não se pode ter, sob pena de diminuir sua felicidade e qualidade de vida.

EPICURO (342-271 a.C.) – Eu e Zenão somos contemporâneos, ambos vivemos em Atenas e lá fundamos nossas escolas, que tinham em comum a preocupação com o modo de vida das pessoas na *polis*. Porém entre nós havia uma diferença. Acima da entrada da minha escola havia a inscrição: “O prazer é o bem maior; não se preocupe e seja feliz”. Eu gostava de ensinar nos jardins, o que rendeu aos meus alunos o apelido de “filósofos de jardim”. Minha ideia de qualidade de vida era aproveitar as coisas simples da vida, como uma boa refeição na companhia de amigos e evitar a dor a qualquer custo. Vendo a modernidade, percebo que minha filosofia está presente em vários lugares, adesivos, camisetas e em músicas: “Don’t worry, be happy”. Não é por acaso que pessoas que se dedicam a prazeres extremos ainda hoje são chamadas de epicuristas.

ADRIEN HELVÉTIUS (1715-1771) – Concordo em parte com você, Epicuro. Porque a minha ideia é buscar um prazer coletivo e não individual. Ao escrever a obra “Sobre o Espírito e sobre o Homem”, falei da sensibilidade física do homem. Acredito que se faz necessária uma nova educação que forme os homens de acordo com o interesse público, isto é, o máximo de felicidade para todos e o mínimo de dor para cada indivíduo.

EPICTETO (55-135 d.C.) – Vivi como escravo no Império Romano, o que não me impediu de estudar e me tornar um filósofo estoico, graças ao auxílio de Epafrodito, que foi meu mestre e me enviou a Roma para estudar com Musônio Rufo. Em Roma, acabei sendo liberto. Minhas obras buscavam respostas de como viver uma vida com qualidade, tranquilidade e sabedoria. Admito que a vida cotidiana seja repleta de dificuldades nos mais variados graus e que a filosofia tem por função auxiliar as pessoas a enfrentarem positivamente seus desafios. Acredito que para ter uma vida de qualidade é necessário dominar os desejos, desempenhar as obrigações e aprender a pensar com clareza a respeito de si mesmo

e de seu relacionamento com a comunidade. Pude perceber que esses preceitos fundamentam hoje a moderna psicologia de autogerência. Acho um tanto exagerada a preocupação dos epicuristas com a satisfação plena dos desejos físicos. Felicidade, realização pessoal e qualidade de vida são consequências naturais de atitudes corretas. Quando algo acontece, a única coisa que está em seu poder é a sua atitude em relação ao fato. Suas alternativas são: a aceitação ou o ressentimento. O que realmente nos afeta não são os acontecimentos em si, mas a maneira como nos posicionamos perante eles. Não são as coisas que nos perturbam, mas a forma como interpretamos seu significado. Por isso, as pessoas sentem o estresse de uma mesma situação de formas diferentes, pois o posicionamento que adquirem depende da sua cultura, experiências, conhecimento e sentimentos. Isso faz com que cada um tenha uma visão muito própria e individual do que seria qualidade de vida para si. Tais ideias estão presentes na obra de William Glasser e o auxiliaram a construir a sua “Teoria da Escolha”, que resumidamente diz que o indivíduo é livre para interpretar os fatos do seu dia a dia, sofrer com eles ou não, pois a escolha é sua. Li seu livro, William, e me encontrei em muitas páginas.

WILLIAM GLASSER – Sinto-me honrado com a sua aprovação.

ANAÏS NIN (1903-1977) – Realmente, Epicteto, não vemos o mundo como ele, é mas como nós somos. A interpretação da realidade e a valoração dos acontecimentos dependem da nossa cultura e posicionamento perante a vida.

ROBERTO CARLOS (1941-) – Eu não sou filósofo, mas digo e canto exatamente o que Epicteto falou. Se o bem e o mal existem, é preciso escolher, é preciso saber viver! É preciso saber viver para ter qualidade de vida.

SÃO TOMÁS DE AQUINO (1225-1274) – Concordo com Epicteto e com Zenão acerca do desprezo pelos desejos físicos, porque vivi em plena Idade Média, cuja designação traz embutida certa carga de desprezo por esse período de mil anos entre o esplendor greco-romano e o Renascimento. Essa época foi marcada pelo obscurantismo e desenvolvimento rural. Participei ativamente da

escolástica, e nossa visão de qualidade de vida era: “*ora et labora*”, ou seja, orar e trabalhar. Nosso entendimento se baseava na filosofia aristotélica a partir de uma visão cristã. Outra corrente, representada pelas “Confissões” de Aurélio Agostinho (354-430), bispo de Hipona, mais conhecido como Santo Agostinho, trazia um pensamento marcadamente platônico. O principal valor na vida humana nessa fase era o cristianismo e a busca de uma vida santa. O indivíduo era anônimo, despojado de vaidades pessoais e colocado a serviço de Deus.

BALTASAR GRACIÁN (1601-1658) – Eu acredito que, além de buscar uma vida virtuosa, como foi citado, deve-se exercitar a prudência, para uma vida de qualidade.

PESQUISADORA – Os ilustríssimos mestres que discorreram até o momento nos brindaram com suas ideias de uma vida boa, na qual a felicidade é o objetivo maior. Parece ser consenso que a felicidade pode ser alcançada por meio de uma vida regrada e virtuosa, e o posicionamento perante as vicissitudes da vida é que faz diferença entre ser ou não feliz. O conceito de resiliência se encaixa muito bem nesta questão. Resiliência é um termo da física utilizado para designar a capacidade de um material de sofrer pressão e, após finalizada a pressão, voltar ao seu estado inicial sem sofrer alteração. O termo resiliência foi emprestado da física de modo transdisciplinar para designar a capacidade de uma pessoa de lidar com problemas, superar obstáculos e resistir a pressões externas sem desenvolver dano físico, psicológico ou social. A resiliência permite ressignificar as adversidades da vida e, conseqüentemente, atribuir mais valor e qualidade à vida que se vive. Precisamos demonstrar isto cientificamente, mas tenho a hipótese de que as pessoas resilientes têm melhor qualidade de vida.

SÓCRATES (469-399 a.C.) – Este tema é muito instigante e sugiro que nosso próximo encontro trate especificamente da resiliência.

Todos os presentes concordaram.

PESQUISADORA – É importante lembrar que atualmente o conceito de qualidade de vida assume outras dimensões além dos aspectos de vida pessoal. Qualidade de vida é o viver que é bom e compensador em pelo menos

quatro áreas de abrangência: física, psicológica, ambiental e de relação social.

RENÉ DESCARTES (1596-1650) – Sendo assim, sugiro que usemos o meu método nessa discussão, uma vez que estamos diante de uma série de eventos, todos contribuindo para uma boa qualidade de vida. Em primeiro lugar, devemos duvidar de tudo o que já foi dito sobre o tema. Como na metáfora do cesto de maçãs, restariam somente as verdades absolutas. Depois, dividimos os problemas, ou seja, as dimensões que interferem na qualidade de vida, e iniciamos das mais simples às mais complexas. Por fim, revisamos todo o conhecimento assim construído para verificar se nada nos escapou. O exercício da dúvida permite a construção do juízo e tem como principal característica a liberdade. Qualquer cidadão pode produzir a verdade; quanto menos dúvida, mais perto da verdade. A dúvida é produtiva, e não paralisante, porque leva ao encontro da verdade, através do juízo. Duvidar sempre até da própria existência; daí concluo: “*cogito ergo sum*”.

PASCAL (1623-1662) – Prezado Descartes, a história da ciência mostrou como seu método auxiliou o desenvolvimento das disciplinas e do conhecimento em suas diversas áreas. Todavia, trouxe também a segmentação do conhecimento na medida em que o dividiu. Estudar A isolado de B é diferente de estudar A + B, pois na totalidade surgem interações que são perdidas na segmentação. Devemos pensar em todas as coisas como sendo causa ou causadora e unidas umas às outras. Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como considero impossível conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes. Todo conjunto organizado produz qualidades que não existem nas partes isoladas. Esses princípios estão presentes na Teoria Sistêmica.

ANTÓNIO DAMÁSIO – “Penso, logo existo”, de Descartes, talvez seja uma das frases mais famosas da história da filosofia. Ela afirma que pensar e ter consciência definem o ser humano. Nessa concepção, o ato de pensar é uma atividade separada do corpo, estabelecendo um abismo entre mente e corpo. Acredito que sentimentos e emoções são percepções diretas dos nossos estados corporais e constituem um elo essencial entre corpo e consciência. Então sugiro: “Penso e sinto, logo existo”.

ISSAC NEWTON (1642-1727) – Minha sugestão é que o grupo tente formular uma equação que possa medir a qualidade de vida. Pois em tudo o que se pode formular também se pode crer. Assim se faz a ciência moderna. No grego, a expressão “*ta mathema*” significa conhecimento completo. Começarei agora mesmo a formular uma equação para isto.

IMMANUEL KANT (1724-1804) – Mas, Newton, teríamos que ter uma fórmula para cada indivíduo. Porque a percepção do mundo acontece a partir do sujeito, o que ele enxerga sobre qualidade de vida tem a sua interferência. Além do que a matemática trata de fenômenos concretos, e qualidade de vida tem aspectos subjetivos e qualitativos.

PESQUISADORA – Existe atualmente um grande número de escalas de avaliação de qualidade de vida. É dificuldade comum entre elas a validação de suas propriedades psicométricas, o tempo despendido para responder e analisar estas escalas, bem como as especificidades de cada grupo estudado, que podem não ser levadas em conta num instrumento universal. Os instrumentos de avaliação de qualidade de vida devem conter indicadores sociométricos, demográficos, ocupacionais, de bem-estar psicológico, sintomas mentais, saúde física, relações de suporte social, finanças e atividades cotidianas. Esses questionários podem ser autoaplicáveis, sendo que o entrevistado determina o peso de cada item em sua vida com base em sua percepção, como bem lembrou o Sr. Kant. A fim de aumentar a confiabilidade desses instrumentos, eles devem ser adaptados a cada grupo de estudo. Mas da mesma forma está correto o Sr. Newton ao propor a construção de uma fórmula matemática que avalie qualidade de vida. Este é um desafio perseguido por vários estudiosos, mas infelizmente ainda não alcançado nem pelo inventário da OMS, que, mesmo tendo sido validado para várias culturas, não generaliza seus dados e nem determina o nível mínimo ou ideal de qualidade de vida. Em nossos estudos, elaboramos um inventário de qualidade de vida específico para estudantes de Medicina, o IQVEM, construído e validado para este grupo. Neste momento, ele vem sendo aplicado em diferentes escolas médicas no Brasil.

PASCAL (1623-1662) – Minha cara, meus parabéns pela iniciativa nobre e pela preocupação com a saúde da-

queles que futuramente irão cuidar da saúde dos outros. Penso que este instrumento, o seu IQVEM, nos mostrará especificidades dos estudantes que os outros instrumentos talvez não nos dessem. Mas, por outro lado, que mal há em não conseguir a universalidade ou em não obter a completa certeza das coisas?

BOHR (1882-1970) – Nenhum mal. Afinal, usamos a probabilidade e o princípio da incerteza para explicar a Teoria Quântica.

EDGAR MORIN (1921-) – O desenvolvimento da ciência esteve intimamente atado à quantificação. O que não fosse quantificado poderia ser eliminado. Entretanto, a existência não pode ser quantificada. Não há como medir a dor ou o amor de alguém. Quantificação não indica nada sobre qualidades. O conhecimento da realidade humana é complexo e exige relacionar as partes com o todo e elas entre si. O pensamento complexo não é um conceito manipulável, mas busca em si próprio uma visão multidimensional, ou seja, busca a contextualização. Sendo assim, cara pesquisadora, concordo com você em que será muito difícil quantificar qualidade de vida ou formular uma equação universal para isto. Creio que problemas complexos como este exigem estudos interpolitransdisciplinares, dos quais emergiriam análises satisfatórias. Afinal, de que serviriam todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas interrogações?

PESQUIDADORA – Alguns autores afirmam que qualidade de vida é um tema tão amplo que tudo que está dito sobre isto está correto, mas não dá conta da totalidade do conceito.

FRIJOT CAPRA (1939-) – Correto, deveríamos nos debruçar sobre o tema da qualidade de vida exercendo uma nova espécie de ciência, que lidasse com qualidades e não somente com quantidades e que se baseasse em experiências partilhadas e não somente mensurações verificáveis. Por outro lado, os modelos conceituais que interligassem esses dados teriam de ser logicamente consistentes, como qualquer modelo científico, e talvez pudessem incluir até mesmo elementos quantitativos. Seria possível quantificar suas afirmações e lidar com valores baseados na experiência humana. Nesse caso,

estariamos diante de uma nova epistemologia, com novas ideias e sentimentos. A linguagem dessa nova ciência deveria ser retratadora e não meramente descritiva, semelhante à linguagem poética.

PESQUISADORA – Muito me agradou sua fala, pois o método escolhido por minha equipe de pesquisa em qualidade de vida foi bastante semelhante ao que você descreveu. Iniciamos a coleta de dados ouvindo por meio de grupos focais a população estudada, seus anseios, angústias, experiências pessoais e como entendem e sentem sua qualidade de vida. Em seguida, usando a linguagem retratadora, fizemos análise do discurso. Com base nos dados qualitativos que emergiram desta análise, construímos um inventário adequado àquela população, pautado em sua realidade. Tal inventário nos deu a parte quantitativa do estudo, e a partir daí nosso desafio foi interpretar conjuntamente os dados quantitativos e qualitativos. Realmente, esse diálogo entre o que é mensurável e o não mensurável parece um jeito novo de fazer ciência. Ouvindo você, tenho a impressão de que escolhemos o caminho certo.

MONTESQUIEU, CHARLES LOMS DE SECONDAT (1689-1755) – Acredito que a discussão sobre qualidade de vida tem uma visão individual, mas creio também que algo de geral deva existir nesse tema. Em minha obra “Do Espírito das Leis” me aproximo disso ao afirmar que as religiões, os valores morais e os costumes devem ser analisados não em si mesmos, mas em sua relação com os diversos modos de organização das sociedades. Essas dimensões governam os homens, formando um espírito geral. Portanto, estudar o homem em uma sociedade e sua qualidade de vida pressupõe estudar seu espírito geral.

Os senhores ao seu lado balançam a cabeça afirmativamente, pois essas ideias de Montesquieu eram pactuadas pelo grupo francês “Les philosophes”, do qual faziam parte Montesquieu, Voltaire, Diderot, La Mettrie, D’Alembert e Rousseau.

JOHANN HEDER (1744-1803) – Caro Montesquieu, eu acredito que a poesia é um caminho para se chegar a esse seu denominado “espírito geral”. O povo é poeta. Pesquisei lendas, mitos, narrativas, canções populares,

versos e outros legados das tradições populares. Esse material pode não ter o refinamento, mas revela a alma de um povo, ou seja, aquilo que faz com que um povo seja aquilo que ele é. O modo como vê sua qualidade de vida e se ela é ou não satisfatória está sujeito a essa tradição popular, sua linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também seu pensamento em ato. Assim como eu, Goethe acredita na poesia, e na sua obra fez uma síntese entre filosofia e poesia. Capra, hoje, também ressaltou a importância da linguagem poética na nova ciência.

RUBEM ALVES (1933-) – Concordo, pois falar de qualidade de vida é falar da vida, e nela há espaço para prosa e poesia. Podemos ter um método para conhecer as coisas, e para isto dou exemplo da pesquisa sobre a vaca, que na sua totalidade é vaca, mas para ser conhecida nos seus detalhes deve ser vista aos pedaços no açougue. Porém, como disse um aluno, não preciso partir a vaca para saber que vaca é vaca. Então, usando poesia, eu digo que ter qualidade de vida é ter alegria, pois contra a certeza de alegria na sua própria vida não há argumentos, para isto não são necessárias medidas.

GONZAGUINHA (1945-1991) – Eu, que sou poeta e músico, gostei muito de ouvir que poesia e filosofia se misturam. Gostei também de ver valorizada pela ciência a voz do povo e sua cultura. Mesmo respeitando muito as concepções filosóficas apresentadas aqui, eu fico com a pureza da resposta das crianças: a vida é bonita, é bonita e é bonita. E falando em qualidade de vida... eu sei que a minha vida poderia ser bem melhor e tenho fé que será, mas isto não impede que eu repita que a vida é bonita, apesar das dores, dos desamores e das nossas lutas.

GEORG WILHELM HEGEL (1770-1831) – Realmente, a identidade de um povo e a forma como entende sua realidade estão fundamentadas em suas tradições. Mas na minha reflexão existe, além disso, o curso da história, que subsidia a compreensão do presente. Minha proposta é que se entenda um conceito no presente, nesse caso a qualidade de vida, a partir da explicação do sentido do desenvolvimento histórico, num compromisso com a realidade. Pois sempre existe um processo de transformação. Devemos compreender o fenômeno em sua integridade, essência e continuidade. Sugiro que avaliemos

a qualidade de vida em sua totalidade e não numa abordagem parcial da realidade. Proponho a dialética como caminho para chegarmos à verdade.

HERÁCLITO (536-470 a.C.) – Do modo como você expõe, vejo que a minha ideia de que nada é constante e que tudo muda ainda é bem atual!

KARL MARX (1818-1883) – Certo, Heráclito, se eu acreditar no que você e Hegel afirmam, que “tudo muda”, devo acreditar também que o mundo é passível de transformação. Entendo, nesse sentido, que a classe operária é a única capaz de fazer tal transformação da realidade, mediante uma revolução social, sem exploradores e explorados, numa sociedade comunista ou socialista, igualitária, sem estratificação e com qualidade de vida para todos. Essas ideias de valorização dos operários e transformação social, extinguindo classes dominantes, estão no “Manifesto do Partido Comunista”, escrito por mim e publicado em 1848.

LA BOÉTIE (1530-1563) – A lógica da dominação é evidente, impede de pensar, tira a iniciativa. Uma tarefa importante é convencer o oprimido a acreditar na sua liberdade, nos seus direitos e na sua autonomia, que ele é capaz de mudar sua realidade e sua qualidade de vida. Não basta eliminar o poder político dominador, há que se fazer uma nova sociedade. Uma sociedade que pense criticamente sobre sua condição e não aceite a posição de oprimido sob pena de comprometer as dimensões da sua qualidade de vida.

PAULO FREIRE (1921-1997) – A libertação dos opressores é feita pela conscientização dos oprimidos, por meio de uma educação libertária. A palavra ensinada deve ter sentido ao educando, para que ele reflita sobre ela e, somadas as palavras, ele passe de um estado ingênuo para um estado consciente da sua situação social, passando a suplantá-la e, conseqüentemente, a viver com mais qualidade. Escrevi sobre isto em vários dos meus livros, como, por exemplo, “Pedagogia do Oprimido”, “Pedagogia da Esperança” e “Pedagogia da Autonomia”.

LUDWIG WITTGENSTEIN (1889-1951) – Bravo, Paulo! O significado da palavra se dá pelo uso. O limite da minha linguagem é o limite do meu mundo.

CHARLES FOURIER (1772-1837) – É inaceitável existir pobreza em meio à riqueza, tal realidade há muito se cultivou. Ao oprimido é negada a paixão, pela crença de que ela gera desordem e improdutividade, recalcando, assim, suas emoções, e, conseqüentemente, seu potencial humano. Na verdade, as paixões liberadas não resultam em desordem, mas liberam energia criadora. O trabalho não deve se opor ao lazer, ambos devem ser complementares, de modo que o trabalho inclua emoção. Não podemos esquecer a dimensão do lazer e da satisfação no trabalho como fortes influências na qualidade de vida do indivíduo.

LILIA BLIMA SCHRAIBER (pesquisadora e professora da Universidade de São Paulo) – A problemática da oposição entre trabalho e lazer concorrendo para a satisfação com a vida foi vista em nossa pesquisa sobre qualidade de vida do estudante de Medicina. Os estudantes atribuem nota inferior à sua qualidade de vida no curso do que à sua vida em geral. Tal insatisfação está relacionada às condições gerais, à estrutura e ao projeto pedagógico do curso. Porém, assume-se como outra hipótese a possível visão dos estudantes da escola médica como um local de “deveres” ou de “trabalho”. Nesse sentido, esta insatisfação pode estar refletindo a visão contemporânea relativa a tais atividades, incluindo o estudo como dever ou trabalho. Esses deveres seriam vistos como um “tempo roubado”, isto é, tempo que não estaria mais sob o domínio do sujeito. Que, diante desse fato, se sente expropriado do tempo que seria seu: não pode servir às suas vontades ou desejos e deve servir ao outro, o patrão ou a escola, então tornados donos de seu tempo. Isto também foi demonstrado no meu estudo sobre a profissão médica. Nesta visão, o viver intensamente está fora do curso, pois a vida na faculdade representa o cansaço e o roubo do seu tempo de vida (de lazer). Representa as muitas renúncias que a vida acadêmica impõe.

PESQUISADORA – Isto mesmo, professora Lilia, em nossa pesquisa, a maior queixa dos estudantes era sobre o tempo, tempo que faltava para estudar, para lazer, para estar com os amigos, para atividades extracurriculares, enfim, tempo que faltava para ter vida fora da faculdade.

RUBEM ALVES (1933-) – Minhas caras, só posso concluir “*tempus fugit, carpe diem*”.

HELENA KOLODY (1912-2004) – Não sei se o tempo voa, acho que sou eu que vou devagar...

Todos os presentes se divertiram com a interrupção daquela senhora de cabelos brancos e olhos azuis muito vivos que sentava junto aos poetas. Era seu jeito bem-humorado e simples de mostrar que a cadência do relógio é mesmo dada por nós.

THOMAS KUHN (1922-1996) – Minha colaboração é uma síntese do que os senhores acabaram de discursar. Questiono se existem mesmo verdades fixas na ciência. As verdades dos cientistas são relativas ao seu tempo, não se libertando do condicionamento histórico que os influencia. O pensamento fica limitado ao total de conhecimento disponível, fazendo com que os cientistas vejam a realidade por uma lente. Uma grande descoberta altera essa perspectiva, mudando o paradigma, que em última análise é a mundividência compartilhada.

PESQUISADORA – Gosto muito da metáfora das lentes que você usou, Kuhn. Pois é tarefa da filosofia ajudar as pessoas a verem suas vidas sob uma nova perspectiva. Usei também a metáfora das lentes do microscópio para falar de qualidade de vida e exemplificar que o olhar do pesquisador algumas vezes deve ser de imersão, avaliando o indivíduo e sua peculiaridade, e em outras deve ser de panorâmica, avaliando a realidade na totalidade. Quanto à mudança de paradigmas, concordo e acho bem apropriada a esta discussão. Afinal, os avanços tecnológicos nos levam a modificar os parâmetros que temos acerca de uma boa qualidade de vida, principalmente na área da saúde.

FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900) – A minha ideia para qualidade de vida é que as pessoas levem suas vidas como obras de arte. Que sejam amantes da vida e que festejem a possibilidade de repeti-la para sempre, num eterno retorno. Não se deve esperar que o motivo da felicidade seja uma convivência sem conflitos. Sem conflitos, os indivíduos não aspiram a mais nada, suas vontades estão paralisadas numa felicidade de repouso. Têm que viver com os conflitos e apesar deles, mas viver de forma a querer viver novamente nossas experiências.

ARISTÓTELES – Não me agrada a ideia de retornar sempre, pois devemos pensar a vida não querendo repeti-la, mas aceitando que ela sempre pode mudar e se aprimorar. Para mim, a vida acontece no movimento. É na atualização, ou seja, no movimento, que qualquer coisa ou indivíduo realiza sua potência.

LUDWIG WITTGENSTEIN (1889-1951) – Até aqui foram propostas muitas formas de discutir o conceito e aplicação de qualidade de vida. Outra forma de pensá-lo é por meio da aplicação de um método de análise lógica da linguagem. Pois acredito que seja um método adequado à formulação e resolução de problemas filosóficos. A linguagem é uma atividade que elucida o significado das expressões. É ela que constrói os objetos de estudo, os recorta da realidade e os delimita. Essas ideias fazem parte da filosofia analítica, que considera a linguagem um conjunto de construções que nos colocam em contato com a realidade. Se estamos falando de qualidade de vida, vamos construir por meio da linguagem o sentido e a validade do recorte que faremos no tema qualidade de vida e a partir daí podemos criar proposições que tenham significado para outros.

Após sua fala, Wittgenstein volta a se recostar em sua cadeira de praia, como se falasse, além da sua linguagem verbal, a linguagem corporal de que estava tranquilo e certo de ter nos dado sua contribuição.

PESQUISADORA – Caro Wittgenstein, desculpe pela brincadeira... Há um dito popular segundo o qual "quem não se comunica se complica". Concordo em que a linguagem é o que dará significado a uma pesquisa científica, delimitando o objeto de estudo e justificando tal recorte, de modo que faça sentido não só para o pesquisador, mas também para a comunidade científica e social em que está inserido. Qualidade de vida, sendo um tema tão amplo e complexo, requer um recorte muito bem analisado, uma vez que os aspectos envolvidos interagem e modificam o resultado final. Por outro lado, deve-se reconhecer que não se pode dar conta da sua totalidade, por envolver até mesmo questões transcendentais.

JUEGEN HABERMAS (1929-) – Estamos diante do "giro linguístico", onde os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo. É por meio da linguagem que a ra-

zão se expressa para que se faça a compreensão do sentido e a contextualização do objeto. O acesso à razão é feito mediante expressões linguísticas usadas na transmissão de pensamentos. Ciência e filosofia têm que fazer uso da linguagem para que sejam ouvidas e entendidas. Portanto, senhores pesquisadores e filósofos: a linguagem deve ser um instrumento da construção do conhecimento para que ele tenha significado não só para o pesquisador. Sugiro revisarmos nossa linguagem acerca da qualidade de vida e suas dimensões. Creio que nossa linguagem seja um caminho a ser analisado sobre o que é viver com qualidade.

FRIJOT CAPRA (1939-) – Existe, mesmo nesse caso da qualidade de vida, um padrão dinâmico de inter-relações. Devemos ver a qualidade de vida do indivíduo sob uma ótica holística, num sentido restrito, considerando os aspectos do organismo humano como interligados, e num sentido amplo, reconhecendo que este organismo está em constante interação com seu meio ambiente natural e social, numa concepção ecológica do organismo. Para uma visão assim, é necessária uma mudança de paradigma na medicina, em que se troque o modelo biomédico vigente, com concepções cartesianas do corpo como uma máquina, por um conceito holístico de saúde e qualidade de vida. Nesse novo paradigma, a saúde é um reflexo do estado do organismo inteiro, mente, corpo, interações sociais e ambientais. Percebam que esse novo conceito de saúde é dinâmico e concebe um processo de equilíbrio dinâmico. Os sistemas vivos auto-organizadores de Prigogine tendem a se manter estáveis dentro desse equilíbrio dinâmico.

PESQUISADORA – Também me agrada muito a ideia de sistemas vivos tratados como sistemas abertos. Diante de oscilações do meio que possam agredir o organismo, o corpo tende a se estabilizar e adaptar, buscando a homeostase. Sendo o ser humano um sistema aberto, que atua sobre o meio e sofre influência dele, sua homeostase consiste num equilíbrio móvel, diferente do equilíbrio fixo que é a inércia. Possui uma tendência a um estado de desordem denominada entropia. A entropia é uma tendência natural e saudável, vinculada às mudanças, à experimentação do novo, a adaptar-se e buscar equilíbrio. Quando a entropia aumenta até alcançar níveis insuportáveis, o indivíduo adoce e morre. Na tentativa de controlar os níveis de entropia, os sistemas abertos

utilizam a negentropia, que é a tendência a um estado de ordem. Essas duas tendências à ordem e desordem, respectivamente negentropia e entropia, se alternam em busca da homeostase do indivíduo. Num dado momento, este pode apresentar um alto nível de entropia, potencialmente perigoso à sua saúde física e mental. Então, ele deve buscar mecanismos de negentropia a fim de diminuir a entropia e restaurar a homeostase, num equilíbrio móvel, semelhante a uma gangorra onde entropia e negentropia se alternam em níveis mais altos e baixos, buscando o equilíbrio. Tal equilíbrio móvel interfere nas mensurações dos níveis de qualidade de vida do indivíduo, que oscilam em níveis mais altos ou baixos em determinado espaço de tempo. Portanto, se pensarmos no homem como um sistema aberto, devemos admitir que sua qualidade de vida apresenta valores qualitativos e quantitativos que variam temporalmente, sem que isto signifique anormalidade. Ou seja, não se pode esperar um ideal platônico de altíssima qualidade de vida constante. “A vida é movimento”, diria Aristóteles. “Tudo está em transformação”, diria Heráclito. Então, por que pensar num nível de qualidade de vida estante como um banco de jardim? Melhor seria usar como metáfora uma gangorra, que ora está em cima e no momento seguinte está embaixo, e em outro, equilibrada. Afinal, o homem precisaria ser um super-herói para manter sua qualidade de vida sempre em alta medida.

MICHEL RANDON – A despeito de vivermos em um mundo tecnológico edificado sobre a racionalidade e a lógica, penso que a versão quantitativa dele já não é suficiente. A vida cotidiana está alienada por um determinismo obscuro que torna presente e futuro incertos. Não sei se vivemos uma evolução, uma mutação ou uma revolução. A tecnologia, que deveria nos garantir melhoria em nossa qualidade de vida, resulta em aumento da tensão e competição, fazendo com que não ocupemos o tempo ganho com a tecnologia para aprimorarmos o bem viver, mas para nos tornarmos mais produtivos, gerando estresse, que é a epidemia do mundo moderno. O mundo moderno gerou grande complexidade, pelo volume de informações recebidas e pelo acumulado exponencial do saber. Entender esse contexto histórico pressupõe a volta ao sentido global e holístico do real, através de um olhar transdisciplinar. A transdisciplinaridade se propõe a interligar diferentes disciplinas para o entendimento holístico de um tema. Por

exemplo, na qualidade de vida: as ciências naturais que atuam no plano corporal se unem às ciências humanas que atuam nos aspectos psíquicos e sociais, ligando-se ainda a níveis transcendentais e espirituais, de forma vertical, retomando o aspecto qualitativo do conhecimento. A cada aproximação com outra ciência, o pesquisador se apropria de termos novos, o que propicia troca e crescimento bilateral. Não consigo imaginar falar de qualidade de vida se não for por uma ótica transdisciplinar.

LUDWIG WITTGENSTEIN (1889-1951) – Randon, sobre a transdisciplinaridade eu concordo, mas sobre os aspectos transcendentais não falo. Sobre o que não sei falar eu calo.

JEAN-PAUL SARTRE (1905-1980) – Randon, concordo em que a modernidade espelha um mundo de angústias devido à competição, à desagregação, ao volume de informação e ao acúmulo de conhecimento. Gostaria de incluir nessa lista que outro fator de angústia que ora se impõe é aceitar a responsabilidade pelas próprias escolhas, que, em última análise, é o preço da liberdade. A modernidade tem como característica a possibilidade de múltiplas escolhas, desde decisões cotidianas simples até situações complexas da vida.

LEONARDO BOFF (1939-) – Todos os saberes devem assumir a responsabilidade de serem úteis ao ser humano, de ajudarem o ser humano a manter a herança que herdou do passado, seja cultural, seja natural – a herança ecológica. Pensar a vida e a qualidade desta vida envolve, além dos aspectos citados, aspectos transcendentais, éticos e ecológicos. A ética é hoje uma demanda fundamental, porque a falta de ética está degradando o tecido social, em termos de milhões e milhões de excluídos, e está destruindo a base físico-química que permite a vida. Ao discutir qualidade de vida, precisamos colocar em pauta as questões de sustentabilidade e preservação dos nossos recursos naturais. Usando a lógica da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, a terra tem sido o grande oprimido da contemporaneidade.

FRIJOT CAPRA (1939-) – Leonardo, concordo plenamente com você. Também explorei este tema no meu livro “Teia da Vida – uma compreensão científica dos sistemas vivos”.

KARL MARX (1818-1883) – Neste grupo temos muitos educadores. É a eles que me dirijo quando afirmo que precisamos reformar os educadores se quisermos formar um indivíduo capaz de transformar a sua realidade e a sociedade.

PAULO FREIRE (1921-1997) – Concordo, no meu entendimento educar é um ato político!

RUBEM ALVES (1933-) – Certo, Marx e Paulo, a reforma da educação se faz necessária e ela deve passar também pela alegria do ensinar, pelo prazer de ver o aluno crescer, pelo desejo de construir a escola ideal, onde professor e aluno ensinam e aprendem juntos, onde o professor é facilitador do processo.

MILTON MARTINS (professor de Clínica Médica da Universidade de São Paulo) – Considerando a educação como ato político, devemos lembrar a importância do professor como modelo na construção pessoal e profissional do educando. Se pensarmos em qualidade de vida, é bem provável que o aluno adquira do professor seus bons e maus hábitos no que tange à vida profissional ou mesmo seu autocuidado e gerência do tempo. Estudar a qualidade de vida no curso de Medicina e as interfaces desta questão é fundamental, pois o aluno tende a perder seus valores de humanismo, empatia e idealismo, conforme vivencia isto durante sua formação acadêmica. O estudante tende a reproduzir as posturas dos seus modelos, e é bem possível que futuramente trate seus pacientes da mesma forma que foi tratado por seus professores durante o curso.

PATRICIA BELLODI (coordenadora do Programa de Tutoria da Universidade de São Paulo) – O modelo do professor e o acompanhamento do aluno são tão importantes que foram sinalizados pelos alunos, em nossas pesquisas, como fatores de impacto na sua qualidade de vida, ou seja, ter um serviço de apoio e suporte, na opinião do estudante, aumenta a qualidade de vida.

LUIZ NOGUEIRA MARTINS (professor de Psicologia Médica e Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina) – Devo lembrar a importância de que este acompanhamento não seja oferecido somente nos primeiros anos da formação médica, mas também durante a especialização na residência médica, entendendo a formação como um processo contínuo durante a vida profissional.

PESQUISADORA – Meu recorte de estudo é a qualidade de vida do estudante de Medicina, mas a importância de uma educação que conscientize as pessoas sobre o que é viver com qualidade e qual é a sua responsabilidade nisto pode ser generalizada para os diferentes níveis do sistema educacional e para as diferentes formações profissionais. A educação, sendo ato político, pode, sim, levar as pessoas a refletir sobre a sua realidade e, a partir daí, a buscar formas de melhorar sua qualidade de vida.

Os outros professores presentes também preocupados com o desenvolvimento humano do estudante para além da sua formação fizeram coro a estas afirmações. Os alunos que acompanhavam a discussão com muito interesse também concordaram com o que foi exposto.

PESQUISADORA – A discussão até o momento foi bastante produtiva e rica. Tenho certeza de que ela em muito auxiliou a elucidação desse tema para todos nós. Terá eco não somente na minha pesquisa, mas, tenho certeza, em nossos posicionamentos sobre o viver com qualidade. Gostaria de dizer aos senhores que, após nosso diálogo, minhas concepções sobre qualidade de vida se transformaram e agregaram um pouco de cada ideia aqui exposta. Saio deste encontro concordando com Sócrates em que o conhecimento brota em meio à discussão. Concluo que a qualidade de vida é temporal, ou seja, varia em determinado espaço de tempo para um mesmo indivíduo. Portanto, ela é individual, embora existam fatores passíveis de generalização. No entanto, cada indivíduo percebe e sente sua qualidade de vida de forma pessoal, com base no momento histórico que está vivendo, nos seus valores culturais, existenciais e na sua história de vida. Portanto, qualidade de vida é um tema complexo, deve ser avaliado sob uma ótica holística, qualitativa, quantitativa e transdisciplinar. Tudo o que é dito sobre esse tema expressa parte de uma verdade, mas não o esgota. A educação tem papel fundamental neste caso, pois por meio dela o indivíduo toma consciência da sua realidade e pode decidir buscar sua transformação, melhorando não somente sua qualidade de vida, mas também a da coletividade.

SÓCRATES (469-399 a.C.) – Concordo em que certamente não conseguimos esgotar o tema, mas fiquei contemplado com a sua síntese. Caríssimos amigos, sugiro um intervalo porque considero que todos devemos refletir um pouco sobre o que foi exposto até aqui. Precisamos testar nossas certezas e questioná-las. Vamos

fazer um verdadeiro exercício de maiêutica, fazendo surgir a partir das ideias aqui apresentadas novas ideias, num verdadeiro parto de ideias que nos tragam novos entendimentos sobre o que é viver com qualidade.

Todos os presentes concordam em fazer uma pausa e aceitam o convite de Epicuro para passear no jardim e aproveitar as belezas do mundo sensível, num cenário inspirador e bastante propício para filosofar.

OBRA CITADA

1. WHOQOL Group. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Soc Sci Med*. 1995;10:1403-09.

OBRAS CONSULTADAS

- Abbagnano N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
- Abrão B, Coscodai M. História da Filosofia. São Paulo: Sapienza; 2005.
- Alves R. Sobre o Tempo e a Eternidade. 10ª. ed. São Paulo: Papirus; 2003
- Aragão L. Habermas: filósofo e sociólogo de nosso tempo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 2002.
- Botsaris A. O complexo de ATLAS e outras síndromes do estresse contemporâneo. Rio de Janeiro: Objetiva; 2003.
- Butterfield H. As Origens da Ciência Moderna. Lisboa: Edições 70; 1991.
- Burt EA. As Bases Metafísicas da Ciência Moderna. Brasília: Ed. UnB; 1983.
- Capra F. A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas. [S.l:s.n];
- Capra F. Sabedoria Incomum. São Paulo: Cultrix; 1998.
- Chauí M. Convite à Filosofia. 13ª ed. São Paulo: Ática; 2003.
- Damásio AR. O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
- Damineli M. Qualidade de Vida é Possível? Revista E, 3. Sesc; 2000.
- Fleck MPA, Leal OF, Louzada S, Xavier M, Chachamovich E, Vieira G, et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de Qualidade de Vida do OMS (WHOQOL-100). *Rev Bras Psiquiatr*. 1999;21(1).
- Gaarder J. O Mundo de Sofia. 53ª ed. São Paulo: Cia. das Letras; 2004
- Glasser W. Teoria da Escolha: uma nova Psicologia e Liberdade Pessoal. São Paulo: Mercurio; 2001.
- Gordon R. A Assustadora História da Medicina. 2ª ed. São Paulo: Prestigio Editorial; 2002.

- Gracián B. A Arte da Prudência. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sextante; 2003.
- Heisenberg W. Física e Filosofia. Brasília: Ed. UnB; 1987.
- Japiassú H. A Revolução Científica. Rio de Janeiro: Imago; 1985.
- Koyré A. Considerações sobre Descartes. Lisboa: Presença; 1986.
- La Boétie E. Discurso da Servidão Voluntária. São Paulo: Brasiliense; 1982.
- Lebell S. Epicteto a Arte de Viver. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sextante; 2000.
- Lipp ME, Tangarelli MS. Stress e Qualidade de Vida. *Psicol Reflex Creit*. 2002;15(3)
- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde, 5ª ed. Rio de Janeiro: Abrasco; 1998.
- Morin E. Educação e Complexidade: os Sete Saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez; 2002.
- Morin, E. Saberes Globais e Saberes Locais – o olhar transdisciplinar – Garamond Rio de Janeiro 2003 3ª Edição.
- Morin E. Ciência com Consciência. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003
- Morin E. Diálogo sobre o Conhecimento. São Paulo: Cortez; 2004.
- Nietzsche F. Ecce Homo. Porto Alegre: L&M; 2003.
- Nietzsche F. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret; 2005
- Nordenfelt L. Conversando sobre Saúde: um Diálogo Filosófico. Florianópolis: Bernúncia; 2000.
- Oliva AK. O normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica In Portocarrero V. Filosofia, História e Sociologia das Ciências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1994.
- Pasqual L, Gouveia VV, Andriola WB, Miranda FJ, Ramos ALM. QSG: Questionário de Saúde Geral de Goldberg. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996.
- Poli A, Romano G. La Qualità della vita Evoluzione del Concetto di Salute e Strumenti della sua Misurazione. Osservare per Conoscere Università di Verona; 2000.
- Random M. O Pensamento Transdisciplinar e o Real. São Paulo: Triom; 2001.
- Souza SMR. Um outro olhar: Filosofia. São Paulo: FTD; 1995. cap. 11.
- Weat J. Filosofia para Jovens. São Paulo: Callis; 1999.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Faculdade Evangélica do Paraná.
Rua, Padre Anchieta, 2770
Bigorriho — Curitiba
80730-000 PR
patriciatempski@hotmail.com